




CAPÍTULO 8

A PRODUÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO URBANO DO BAIRRO DE SÃO RAIMUNDO - TEFÉ-AM

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.143122523078>

Carlos Henrique Cavalcante De Oliveira Ramalho

Jonilton Arantes Puca

Roseane Silva Do Nascimento

Marques César Batista Da Silva,

Joelma Cristina Cavalcante Lemos

Naiandra Falcão Dos Santos

Miguel Costa Melo

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal compreender o modo de produção do espaço geográfico do bairro de São Raimundo, zona urbana do município de Tefé-AM. Justifica-se quando, passa analisar a produção e a reprodução do espaço no âmbito local, levando em conta sua história, é relevante também que o espaço geográfico urbano, sob o ponto de vista crítico, se configure como resultado direto da ação humana, que mediante suas necessidades, oriundas do trabalho insistam em sua remodelação. O método de pesquisa empregado nessa investigação refere-se ao qualitativo, uma pesquisa de estudo de caso. Foram aplicados 10 formulários de pesquisa padronizados mediante o critério de escolha aleatória nas residências que fazem parte do espaço geográfico do bairro de São Raimundo em Tefé/AM. Os resultados indicam que o morador torna-se o definidor do espaço público é fácil compreender que este não seguirá um planejamento urbanístico, tende a defender seu interesse em particular. É exatamente isso que se identifica no bairro de São Raimundo. A questão da moradia é prioridade para o morador em questão,

o espaço, precisa atender seu imediatismo, assim, o espaço geográfico do bairro de São Raimundo está em transformação.

PALAVRAS-CHAVE: Produção, Espaço, Bairro. Urbano.

THE GEOGRAPHICAL PRODUCTION OF THE URBAN SPACE OF THE NEIGHBORHOOD OF SÃO RAIMUNDO - TEFÉ-AM

ABSTRACT: This article's primary objective is to understand the mode of production of geographic space in the São Raimundo neighborhood, an urban area of the municipality of Tefé, Amazonas. It is justified by analyzing the production and reproduction of space at the local level, taking into account its history. It is also relevant to note that urban geographic space, from a critical perspective, is configured as a direct result of human action, which, due to the needs arising from work, insists on its remodeling. The research method employed in this investigation is qualitative, a case study. Ten standardized survey forms were administered randomly to residences within the São Raimundo neighborhood in Tefé, Amazonas. The results indicate that residents become the definers of public space; it is easy to understand that they will not follow urban planning, but tend to defend their own interests. This is precisely what is observed in the São Raimundo neighborhood. Housing is a priority for the resident in question; space needs to meet their immediate needs. Thus, the geographic space of the São Raimundo neighborhood is undergoing transformation.

WORDS-KEY: Production, Space, Neighborhood, Urban

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o tema, A produção geográfica do espaço urbano do bairro de São Raimundo em Tefé/AM tem como objetivo principal compreender o modo de produção do espaço geográfico no bairro de São Raimundo. Especificamente: investigar as condições de moradia da população no espaço pertencente ao bairro de São Raimundo; identificar os impactos gerados pelo antigo lixão e qual sua influência quanto à construção do espaço no bairro de São Raimundo e analisar o espaço geográfico a partir da ótica dos moradores do bairro de São Raimundo.

O espaço geográfico urbano vem assumido um papel muito importante é um produto de uma representação histórica e econômico-social, que por sua vez torna um processo civilizatório. Nesse sentido, esta pesquisa se justifica quando, passa analisar a produção e a reprodução do espaço no âmbito local, levando em conta a existência do bairro de São Raimundo, localizado no perímetro urbano do município de Tefé-AM. É relevante também que o espaço geográfico urbano, sob

o ponto de vista crítico, se configure como resultado direto da ação humana, que mediante suas necessidades, oriundas do trabalho insistam em sua remodelação. Não se trata de algo simples, há complexidades, que englobam interesses e também a aplicação de políticas públicas de urbanização. Seguindo este pressuposto, o espaço geográfico, necessita de uma análise criteriosa, pois, é o principal objeto de investigação da ciência geográfica.

O espaço geográfico é marcado por diferentes contrastes, determinar onde iniciam e onde terminam requer o exercício sistemático da pesquisa. Para a Geografia, o espaço não é somente a superfície, territórios ou paisagens, o espaço é também resultante ou resultado da ação do homem sobre o meio. Com base nessa colocação esta pesquisa tende a apontar os pressupostos quanto à formação do espaço geográfico do bairro de São Raimundo.

Este trabalho está estruturado na forma de tripé: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução encontra-se uma síntese acerca dos objetivos, justificativa, além da apresentação quanto ao escopo do artigo. No desenvolvimento, vêm-se importantes teóricos da Geografia, tais como: Milton Santos (2007, 1994, 1985), Ruy Moreira (2011) e Lobato Correa (1995), dentre outros discorrendo sobre a formação do espaço enquanto objeto de estudo da Geografia. Em seguida, apresenta-se a metodologia utilizada para a obtenção dos resultados, logo após, as discussões, e finalizado, as considerações finais e referências.

ESPAÇO GEOGRÁFICO: TERRITÓRIO URBANO

O processo de produção do espaço é uma temática bastante complexo, inicialmente buscaremos discutir um pouco sobre o espaço enquanto produtor e produto das desigualdades sociais e espaciais, enfatizando o conceito de produção do espaço. O espaço é ainda considerado o principal objeto da Geografia, ou continua sendo o objetivo principal se utilizando como espaço geográfico. Para Milton Santos (2007, 1994, 1985), Ruy Moreira (2011) e Lobato Correa (1995) o espaço é entendido como produto histórico, como um conjunto de objetos e de ações que revela a prática social, onde determinam os lugares que produzem e reconstrói.

De certo modo o espaço passa ser construído a partir da entrada do homem fazendo a modificação da primeira natureza. Então o espaço passar ser diferente, para Moreira (2011, p. 63): "A noção de espaço como chão da geografia é, certamente, um tema que perpassa todos os discursos geográficos em todos os tempos, tal como se pode aferir duma simples confrontação da maneira como os geógrafos a vem definindo no tempo".

Moreira (2011) certamente vem fazer uma análise sobre a noção do espaço, pois é uma categoria a qual se pode dialogar com outros cientistas que buscam

compreender o espaço geográfico em todos os tempos. Na verdade todas as outras ciências podem analisar o espaço, mas é a Geografia que realmente penetra no seio do espaço, pois, não é só o espaço que a geografia pesquisa, mas toma conta do restante das coisas que pertencem ao espaço, então toma conta da totalidade, buscando a compreender melhor seus questionamentos.

Os elementos como o homem, as firmas, instituições, as infraestruturas e o meio ambiente, compõem o espaço, onde cada um cria e recria o espaço através das relações que existem entre eles, e onde ocorre um constante dinamismo, Santos (1995, p. 03) afirma que: “Estes elementos criam e recriam o espaço através das relações que existem entre os mesmos. Então a dinâmica entre esses elementos são responsável pela formação do espaço. Esses elementos produzem a totalidade”.

Na verdade esses elementos são responsáveis por determinar o espaço, pois, o espaço só passa ser notado quando à existência das relações, então é a partir dessa ligação desses elementos que existe a formação do espaço, chegando a produzir a totalidade.

O espaço não é a superfície da Terra, pois o espaço é construído e produzido, com o trabalho e a relação homem-homem e homem e meio. Por isso todas as outras ciências se apropriam do espaço para entendê-lo. Sendo assim, Moreira, (2011, p. 64) diz que, “O espaço não é suporte, substrato ou receptáculo das ações humanas, pois não podemos confundir com base física, porque o espaço geográfico é um espaço produzido”.

Moreira (2011) salienta acima que não confundir as ações humanas com ação física, o espaço geográfico é um espaço produzido, então o espaço só deixa de ser natural quando o homem produz o espaço. No espaço a natureza não é mera base ou parte integrante, ela é uma condição concreta de sua produção social. Isso porque a primeira natureza é uma condição concreta da existência social dos homens. Pois, também não há o espaço geográfico sem a primeira natureza, Moura (1996) diz que um primeiro passo pra se “aperceber da essência do espaço urbano é resignar-se a ideia de que a modernidade não faz de todo ao contrário, convive lado a lado com o caótico e o retrogrado.” (Moura, 1996, p.8).

Milton Santos (2012), Ruy Moreira (2011) e Rosa Moura (1996), tratam o espaço, primeiro como o chão da Geografia. Sendo assim, os autores seguem a mesma linha de pensamento quando se trata do espaço, com o passar do tempo outros elementos já se fizeram presente para melhor entender o espaço, que na verdade é de certa forma como os autores destacam, o espaço primeiro foi percebido com a primeira natureza, após isso, o espaço passou a ser o objeto da geografia, desafiando a disciplina discutir as diferentes maneiras de como as práticas sociais interagem

com o espaço, onde se apropriam dele, transformando-o, assim como bem coloca Santos (2012), que existem elementos que criam e recriam o espaço.

A formação do espaço é toda estruturada no próprio espaço produzido. E isso decorre do fato de que os homens suprem suas necessidades convertendo a Terra. Por outro lado, a formação de espaço é a própria formação econômico-social em sua expressão, contendo a estrutura e as leis de movimentos desta. Enfatiza Ainda: “[...] é próprio deste modo de produção criar, destruir e recriar novas bases, espaços e condições para sua expansão, construindo e alargando mercados e horizontes ampliados para a valorização.” (Brandão, 1996, p. 4).

Se o espaço político é o espaço de encontrar de diferentes e os territórios são muitas vezes, espaços iguais, juntos, mas separados por limites e barreiras simbólicas. Tradicionalmente na geografia o conceito de território (assim como o conceito de espaço público nas ciências humanas e sociais), tem uma acepção política.

Na historia da produção do conhecimento geográfico, o conceito, antes ligado a ideia de Estado-Nação, foi abarcando outros recortes, e, aos poucos abraçando também outras dimensões. Pois não mais é correto afirmar que o conceito de territórios, frente a outros conceitos, é operacionalizado em análises espaciais de cunho mais político, porque ele hoje é utilizado para praticamente tudo: também para revelar dimensões culturais sociais e econômicas nos processos de produção do espaço. Então, o conceito de território é cada vez mais utilizado frente a um espaço e a uma sociedade cada vez menos politizada, frente a uma sociedade que faz cada vez menos política, para Santos, (1985, p. 16): “O menor lugar, na mais distante fração do território tem, hoje, relações diretas ou indiretas com outros lugares de onde lhe vem matérias-primas, capital, mão-de-obra, recursos diversos e ordens”...

Por mas pequeno que seja um lugar ou distante que seja todos tem sua importância, pois mesmo longe esses território existe relações diretas ou indiretas, que para o capital são mais visto ainda, pois são desses territórios que são retirados os recursos diversos e principalmente a mão-de-obra. Cada lugar é sempre uma fração do espaço totalidade e dos diferentes tempos, portanto, na busca da compreensão dos lugares há necessariamente o transito pela totalidade. A ideia de lugar está associada à imagem da significação, do sentimento, da representação, para Santos, (1985, p.16):

O território hoje pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os pontos, mas contendo simultaneamente funcionalizações diferentes, quiçá divergentes ou opostos.

O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habita. Mesma a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passam por ai, Santos (1994, p.16), declara que:

A questão da espacialidade a territorialidade brasileira, é sempre deixada de lado nas discussões políticas brasileiras e nas formulações dos planos e políticas públicas. Os discursos produzidos sobre estas questões insistem em ignorar que as características essenciais da economia brasileira, ou, melhor dizendo a formação sócia espacial brasileira, a formação do território brasileiro, é produto das relações sociais no Brasil.

Essa questão da espacialidade a territorialidade nunca foi um fato importante quando se trata de política, o Brasil possui um território bastante grande, mas não existe uma adequada distribuição na espacialidade desse território.

Ao ocupar parcelas desiguais do espaço urbano as pessoas reproduzem o lugar coletivo, a partir da finalidade do uso, das relações sociais que estabelecem, dos recursos econômicos de que dispõem dos projetos políticos que mobilizam e das condições naturais do espaço. É por esse curso que, Correa (1995, p. 4) diz:

A produção do espaço realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e/ ou utilização de determinado lugar num momento específico. Do ponto de vista do produtor de mercadorias, a cidade materializa-se enquanto condição geral da produção [...] e nesse sentido é locos da produção [...] Do ponto de vista do morador enquanto consumida, a cidade é um meio de consumo coletivo (bens e serviços) para a reprodução da vida dos homens. É os lucros da habitação e tudo o que o habitar implica na sociedade atual: escolas, assistências medica, transporte, água, luz, esgoto, telefone, atividades culturais e lazer, ócio, compras, etc.

Então a produção do espaço se realiza na cidade com a condição de consumo, onde o autor cita que fazem parte, os bens e serviços, isso já é visto como a reprodução da vida humana. É próprio deste modo de produção criar, destruir e recriar novas bases, espaços e condições para sua expansão, construindo e alargando mercados e horizontes ampliados para a valorização:

O caráter social do espaço geográfico decorre do fato simples de que os homens têm fome, sede e frio. Transformando o meio natural, o homem transforma-se a se mesmo. A transformação do meio é uma realização necessariamente dependente do trabalho social a ação organizadora dos homens em coletividade é o trabalho social o agente de transformação do homem de um ser animal para um ser social, combinando esses dois momentos em todo o decorrer da historia humana (Moreira, 2011, p. 85).

Moreira (2011) salienta que o caráter social do espaço geográfico decorre de que o ser humano, (o homem) tem fome, sede e frio, então fazendo de suas necessidades em trabalho, sendo assim, o espaço é construído e reconstruído conforme as mais diversas necessidades humanas como frisa Moreira (2011).

O espaço geográfico determina como o processo de produção, pois quando o processo de produção se repete sob uma forma mais ampla, que é uma reprodução ampliada, isso ocorre pela forma que se pode perceber, a vista de todos, onde só existe acumulação quando a reprodução pela repetição é do tipo ampliado, e para Moreira, (2011, p. 67):

O espaço geográfico tem uma participação relevante no processo da reprodução, seja na reprodução simples, seja na reprodução ampliada. Os objetos do arranjo

da segunda natureza, tais como prédios, caminhos e lugares de trabalho, ou da primeira natureza, tais como água, solos e jazidas minerais, bem como a própria disposição do arranjo, são aspectos daquilo de que se valem os homens para uma produção contínua e que Marx denominou de condições de reprodução. Sendo assim, uma formação espacial capitalista, onde travam o capital e o trabalho ao redor do controle dos meios e modos da reprodução.

Realmente o espaço geográfico tem uma participação muito importante e clara no processo de reprodução, é a partir dessa reprodução simples ou ampliada que os objetos de arranjo colocaram nas mãos dos homens a condição da produção e reprodução contínua. No que se refere o autor, é muito evidente que o espaço geográfico foi e continua sendo de grande valia para a descoberta de tudo que o espaço dispõe para a vida humana, onde o espaço geográfico dar condições para que o ser humano vá à busca de melhores condições de vida, seja se utilizando da primeira natureza como da segunda natureza, fazendo assim o homem procurar mecanismo para a reprodução de vida.

Por um lado assistimos à tendência da produção de bens imateriais, por outro se vende cada vez mais espaço, inaugurando um movimento que vai do espaço de consumo (particularmente produtivo-aquele da fábrica que cria o espaço enquanto condição da produção, distribuição, circulação, troca e consumo de mercadorias) ao consumo do espaço, isto é, cada vez mais se compram e se vendem pedaços do espaço para a reprodução da vida.

Desde o início da história da humanidade que espaço virou espaço de consumo, de certa forma logo no início só pela sobrevivência humana, agora para aumentar o capital, então a tendência de produtos de bens de consumo é muito forte, pois assim como no início da humanidade era pela sobrevivência atualmente são pelas necessidades que todos nos termos. Segundo Santos (2012, p.34):

As pessoas que vivem no espaço atribuem significados, representações, desejos e sonhos que dão um sentido ao espaço para quem nele habita. Esses sentidos são diferenciados, pois as percepções e as pessoas também o são cada um constrói individual e coletivamente uma significação do seu espaço conforme sua imagem e experiência cotidiana. Esses significados podem ser positivos ou negativos do urbano que vão delineando o espaço social e concreto no qual vive hoje grande parte da sociedade. Assim, o urbano compreende os sentidos, é uma produção social do espaço representada não somente pela produção de bens e mercadorias no plano estreitamente econômico, mas também pela produção de vida, de ideias, de percepções, de anseios.

Ainda para Santos (2012) são as pessoas que dão significados o espaço urbano, pois todas as elas têm suas necessidades, seus anseios, seus desejos, e etc., onde tudo isso fazem com que eles constroem em coletividade ou em individualmente fazendo assim um espaço produzindo. Logo, a produção do espaço urbano, como diz Cavalcante (2001, p. 16) "implica entender esse espaço como relacionado à sua forma (a cidade), mas não se reduzido a ela, á medida que ela expressa mais que uma simples localização e arranjo de lugares, expressa um modo de vida".

Entretanto, o processo de produção se abre para o processo de reprodução demonstrando a dialética da natureza e da sociedade que realimenta o ciclo da apropriação do espaço. Nessa análise, encontre-se inserida como forma material do espaço urbano a cidade, que é condição e meio para a produção e reprodução das relações no espaço, para Lefebvre (2001, p. 45):

O urbano que é representado pelas relações sociais a serem concebida, construída ou reconstruída pelo pensamento, não se desvincula de uma morfologia, ou seja, o urbano precisa estar ligado ao plano prático sensível, à forma concreta para a materialização dessas relações. Logo, cidade e urbano se diferem pelo sentido, sendo a primeira a forma e o segundo o conteúdo. Mas a diferenciação não exclui ou separa uma da outra, ao contrario os dois se inter-relacionam de maneira interdependente e contraditória.

Não pode haver confusão ou separação na compreensão das duas concepções, pois o urbano tem que dar ligado a um plano pratica onde só assim haverá a materialização concreta na cidade. A vida urbana e a cidade são as formas complementares e necessitam uma da outra para se reconhecer. Pois, também a partir da vida urbana que se reconhece vários outros espaços.

Eis que o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela maia aparente, materializada nas formas espaciais. Correa, (1995, p.1) afirma que:

O espaço urbano é um conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residências, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; entre outras aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos de terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado.

O espaço urbano realmente é vinculado a diferentes usos da terra, pois quando se fala em espaço urbano já se imagina a cidade com prédios, residências, onde pode se encontra uma variação de atividades comerciais e industriais, pois tudo isso forma o espaço urbano. Considera-se a cidade como espaço urbano que pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. Pode ser abordado a partir da percepção que seus habitantes e de suas partes. Correa (1995, p. 1):

A grande cidade capitalista é o lugar privilegiado de ocorrência de uma series de processos sociais, entre os quais há acumulação de capital e a reprodução social tem importância básica. Estes processos criam funções formas espaciais, ou seja, criam atividades e suas materializações, cuja distribuição espacial constitui a própria organização espacial urbana.

A cidade é considerada um espaço urbano, tanto que uma cidade capitalista é considerada um lugar privilegiado, pois são elas que fornecem uma grande ocorrência de processo social e reúnem uma grande acumulação de capital e onde a reprodução da vida nestes locais é necessária.

Esta situação projeta-se sobre o processo de reprodução do espaço urbano, manifestando toda a dimensão das contradições sociais formuladas nas relações de produção. O espaço é definido e redefinido de forma desigual “a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja de produzir, consumir, habitar ou viver.” (Carlos, 1994, p 45). Uma vez que a vida na cidade é orientada por um processo de produção que se completam com as relações de mercados, sustentado na prática do consumo ocupa um lugar no espaço urbano (considerando-se que, certamente como todo, esse lugar já possui um sentido e significado), consiste em participar de um modo de consumo. Assim como diz Lefebvre, (1996, p.110):

A centralidade não é indiferente ao que ela reúne, ao contrário, pois ela exige um conteúdo. Amontoamento de objetos e de produtos nos antepostos, montes de fruta nas praças ou mercado, multidões, pessoas caminhando, pilhas de objetos variados, justapostos, superpostos, acumulados, eis que constitui o urbano.

De certa forma, o espaço urbano faz uma cidade crescer muito rápido principalmente quando esse espaço possui um significado, então faz que ocorra o amontoamento de pessoas de objetos em todos os lugares principalmente no centro da cidade. Pois é onde ocorre a relação do capital. O processo do espaço urbano trouxe consigo a ideia de uma modernidade, mas será que a modernidade trouxe a resposta para uma produção urbana adequada? Neste sentido, Moura, (1996, p.8) enfatiza que: “Todavia, o primeiro passo, para se perceber a essência do espaço urbano é resignar-se a ideia de que a modernidade não faz o todo. Ao contrário, convive lado a lado com o caótico e o retrogrado”.

METODOLOGIA

O método de pesquisa empregado nessa investigação refere-se ao qualitativo, que segundo Weiduschat e Tafner (2006, p. 122): “[...] não pode ser traduzido em números”. Para Gil (2009, p. 42) a pesquisa qualitativa tem um caráter pragmático, é “um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico dessa maneira o objetivo da pesquisa é descobrir respostas para os problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

É também, uma pesquisa de estudo de caso, que segundo Silva *et. al.* (2005, p. 45): “O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência.” Foram aplicados 10 formulários de pesquisa padronizados mediante o critério de escolha aleatória nas residências que fazem parte do espaço geográfico do bairro de São Raimundo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o crescimento populacional e a chegada de migrantes, da zona rural, dos municípios de Fonte Boa, Uarini, Alvarães, Juruá, Japurá, Jutai, Maraã e até os mais distantes como Carauari, Eirunepé e também de outras regiões do país no início da década de 1980, surgiram os bairros tradicionais em Tefé: “São Francisco, Juruá, Santa Luzia, Santo Antônio, Monte Castelo, Olaria, Abial, Jerusalém, Fonte Boa, Santa Tereza” e também os bairros advindos de ocupações como Nossa Senhora de Fátima, São José, Vila Nova, São Raimundo e Nova Esperança. (Pessoa, 2004, p. 131).

Em uma análise preliminar acerca da ocupação humana no município de Tefé, é importante recorrer à literatura do geógrafo e historiador tefeense Protásio Lopes Pessoa. A cidade de Tefé nas décadas ente as 1970-1980 viu sua população se multiplicar por três, sem um planejamento urbanístico (Pessoa, 2004). No ano de 2001 surgiu o bairro de São Raimundo: “[...] construído o bairro de São Raimundo ao lado do Mutirão, que surgiu de uma invasão. Ao lado fica bairro de Nova Esperança que ainda esta em construção, pois falta o serviço de urbanização. Também surgiu de uma invasão.” (Pessoa, 2004, p.188).

O bairro de São Raimundo está localizado na região noroeste da zona urbana do município de Tefé Faz fronteira com os bairros de Jerusalém, São José, Santa Tereza e com a Estrada do Aeroporto. É formado pelas ruas Santa Rita, Monte Carmelo, Presidente Kennedy, Monte Sião, Antônio Lisboa, Boa Esperança, Aracajú, Assis Pinheiro, Olaria e pelas Travessas Emaús e Monte das Oliveiras.

Abaixo, é possível identificar a localização do bairro¹ de São Raimundo, é importante frisar que este, é um espaço geográfico com pouco mais de uma década de existência.

1. É um espaço geográfico que se cria a partir da aglomeração humana e, quase sempre, se constitui sem planejamento específico, ou seja, sem a existência de projetos de saneamento básico, áreas verdes, de lazer etc. Nesse sentido Souza (1989, p. 153) afirma que: “a origem etimológica da palavra bairro provém do vocábulo árabe barr ou bar, cujo significado corresponde a terra, campo ou campo imediato a uma população”. Bairro significa terra, portanto está associado como um dos principais objetos de investigação da geografia, isto é, da geografia física. Além disso, um bairro precisa ser ocupado, essa ocupação provém do ser humano e, para se tornar em um lugar harmonioso é necessário a intervenção do poder público no gerenciamento de ações que contribuam na qualidade de vida da coletividade.

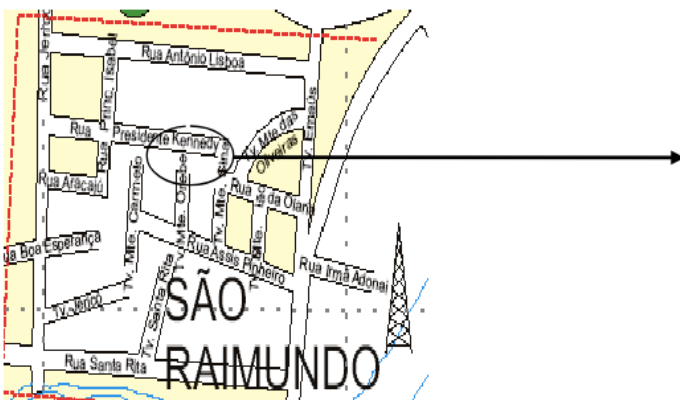
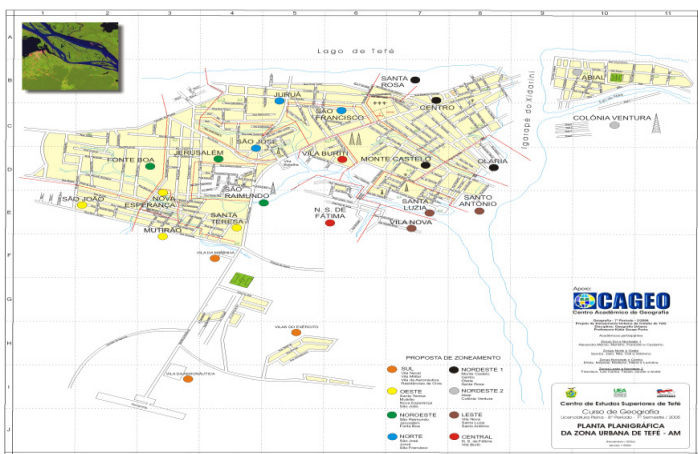


Figura 1: Planta do município de Tefé, evidenciando a localização do bairro de São Raimundo.

Fonte: Centro Acadêmico de Geografia UEA-CEST, 2002.

Analisando a Figura 1, percebe-se que o bairro de São Raimundo tem uma localização privilegiada, isto é, próximo do centro, além disso, sua principal via de acesso interliga com a Estrada do Aeroporto que também é uma via que conduz a zona rural, especificamente a Estrada da Emade e da Agrovila.

No primeiro momento da abordagem junto aos participantes (entrevistados), procuramos identificar os motivos que os fizeram vir morar no bairro de São Raimundo. *“Vimos trazer nossos filhos para estudar aqui na cidade”*. Nota-se que a busca por uma melhor qualidade de vida mediante a formação escolar dos filhos foi um

incentivo, percebe-se também que o morador, quando se deslocou, provavelmente da zona rural, criou expectativas positivas, e que morar no bairro de São Raimundo, lhe daria o suporte necessário para de fato investir na formação dos filhos, tendo em vista a possibilidade de erguer sua casa neste local.

Esse tipo de postura é explicado por Correa (1995, p. 1) quando menciona: “[...] a cidade é um lugar privilegiado de ocorrência de uma série de processos sociais”... Estudar para as famílias visava no início da década passada um problema que em tese seria minimizado quando os filhos comessem a estudar, sendo assim, trata-se de um processo social relevante na visão do autor e também do morador do bairro de São Raimundo.

Em seguida, questionamos junto ao universo de 10 (dez) moradores se estes residem no bairro desde o começo da ocupação humana daquele espaço. Todos enfatizaram que “*Sim*”. Isso deixa claro que os citados moradores conhecem a história do bairro. Assim como a maioria dos demais bairros da zona urbana de Tefé não resultam de ações planejadas, em síntese o bairro de São Raimundo, tem sua história associada a ocupação desordenada, sem a participação poder público, principalmente na esfera municipal.

Quando o morador indica que está morando no bairro desde que começaram a surgir às primeiras moradias, é possível considerar o que Santos (2012, p. 34) diz: “As pessoas que vivem no espaço atribuem significados, representações, desejos e sonhos que dão um sentido ao espaço para quem nele habita”... O início não foi fácil, mais os moradores estavam firmados nos sonhos, nas expectativas, confiavam plenamente que suas vidas mudariam para melhor, isso era atribuir um significado ao espaço ao mesmo em que se associa esse ponto de vista ao tempo em que este morador está morando no bairro de São Raimundo (aproximadamente 25 anos).

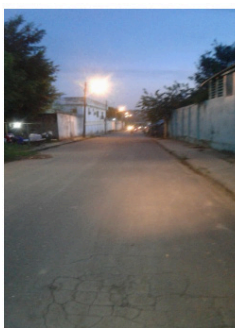


Figura 2: Rua Santa Rita, via de acesso do bairro de São Raimundo com a Estrada do Aeroporto.

Fonte: Ramalho, 2020.



Figura 3: Travessa das Oliveiras, uma das vias secundárias do bairro de São Raimundo

Fonte: Ramalho, 2020.



Figura 4: Rua Presidente Kennedy, que interliga o bairro de São Raimundo ao bairro de Jerusalém.

Fonte: Ramalho, 2020.

Acima (Figura 2) a Rua Santa Rita, é possível identificar que se trata de um espaço do bairro de São Raimundo cuja pavimentação encontra-se em bom estado. Na Figura 3, o destaque é a Travessa das Oliveiras, identifica-se nesse espaço que as casas, foram praticamente erguidas na encosta, além disso, o lixo está espalhado, apresenta-se então, um problema comum em espaços urbanos periféricos, o deficiente serviço de coleta de resíduos sólidos. Na Figura 4, os problemas quanto à formação do espaço se acentuam, trata-se de uma via pública inclinada, onde a existência de buracos impede ou limita a circulação de automóveis. Em todas as vias, o espaço geográfico é o destaque, trata-se de um espaço modelado pela ação direta do ser humano, em virtude de suas necessidades, referendando a opinião de Moreira (2011, p. 63), quando esclarece que o espaço geográfico é só a superfície, o espaço é construído e produzido com o trabalho e através da relação homem-homem e homem e meio.

Identificou-se também a origem do nome do bairro, trata-se de uma homenagem ao Sr. Raimundo, um dos primeiros moradores do referido bairro: “[...] devido ao comandante responsável pelas terras que se chamava Raimundo, por isso o nome do bairro é São Raimundo.” Quando os moradores indicam o nome do possível fundador do bairro, se explica o nome do bairro. No entanto, fica claro na explicação acima a ausência do poder público, pois, o Sr. Raimundo, era também chamado de comandante ou de responsável pelo referido espaço, em suma, era a pessoa que decidia quem deveria ou não erguer sua moradia, nesse sentido, o espaço, embora centralizado nas mãos do Sr. Raimundo, tinha uma característica singular, o dinamismo exposto por Santos (1995, p. 03): “[...] criam e recriam o espaço através das relações que existem entre os mesmos. Então a dinâmica entre esses elementos são responsável pela formação do espaço. Esses elementos produzem a totalidade”.

O bairro de São Raimundo, cujo um dos fundadores foi o Sr. Raimundo embora sem perceber, tomou decisões que modificou o espaço em sua configuração física e humana, essa dinâmica não cessou, pois, o espaço geográfico pertencente ao bairro de São Raimundo está em constante transformação devido à ação direta dos moradores. Quando se busca saber o que antes existia antes no espaço do bairro de São Raimundo vê-se, segundo salientam os moradores: “Olaria, um lixão, depósito de óleo queimado”...

Uma série de outros problemas que impactam negativamente sobre o espaço. O poder público quando se omite diante de uma situação complexa quanto esse é porque de fato este poder público não se importa com o cidadão. Isso fere, por exemplo, o que está disposto no Plano Diretor do Município de Tefé (2006, p. 33) na Seção IV Das Diretrizes Gerais dos Resíduos Sólidos, Art.92 - São ações estratégicas para a Política dos Resíduos Sólidos: cadastrar e intensificar a fiscalização de lixões, aterros e depósitos clandestinos de material.

Denota-se que o mesmo poder público que instituiu o Plano Diretor (2006), logo após a fundação do bairro de São Raimundo, quatro anos antes, foi o mesmo que não cumpriu ao permitir que moradias fossem erguidas em um espaço onde o meio ambiente encontrava-se comprometido. Cabe salientar que a responsabilidade não recai unicamente sobre o poder público, o cidadão que ocupou o espaço no período de surgimento do bairro de São Raimundo, justifica que o bairro é resultado de um processo de “invasão” (espaço ilegalmente por habitações populares).

Sob a ótica de uma análise aprofundada acerca da formação e da transformação do espaço é necessário compreender, se por um acaso, no bairro de São Raimundo há venda e compra de terras. Os moradores afirmaram que “sim”, no entanto, não deram maiores detalhes. Não se tem a certeza de que hoje, o espaço geográfico que faz parte do bairro de São Raimundo foi legalizado pelo poder público municipal, nem se sabe o certo quem de fato eram os proprietários do referido espaço.



Figura 5: Rua Assis Pinheiro.
Fonte: Ramalho, 2020

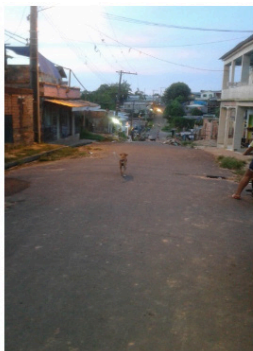


Figura 6: Rua Princesa Isabel
Fonte: Ramalho, 2020



Figura 7: Rua Antônio Lisboa
Fonte: Ramalho, 2020

A figura 5 apresenta o espaço geográfico que compõe a Rua Assis Pinheiro, as moradias são praticamente erguidas no meio da rua, isso limita o deslocamento de pedestres, outra característica importante é que neste espaço, as casas são em alvenaria. Na Figura 6, nos mostra a Rua Princesa Isabel, que apesar de ser uma secundária que compõe o espaço do bairro de São Raimundo, se encontra urbanizada. Na figura 7 vê-se a Rua Antônio Lisboa, também pavimentada, porém necessita de reparos estruturais, esse problema é praticamente o mesmo em todo o espaço geográfico pertencente ao bairro de São Raimundo.

Para Santos (2012, p. 34) “[...] o espaço é uma produção social do espaço representada não somente pela produção de bens e mercadorias no plano estreitamente econômico, mas também pela produção de vida, de ideias, de percepções, de anseios.” Concorde-se ao analisar as imagens 5, 6 e 7 dito isso porque

a paisagem apresentada reflete o fator social e também econômico do seu morador, trata-se de um espaço onde não se identificam moradias ou prédios de alto padrão, trata-se de construções simples, muitas das vezes erguidas pelos proprietários sem obedecer aos critérios de segurança e de limites quanto a existência do espaço para ao transitar de veículos e pessoas.

O que se nota é que, passados quase duas décadas desde a fundação do bairro, mesmo abaixo da real necessidade do morador, foram realizadas algumas obras de infraestrutura, ruas foram urbanizadas, poços artesianos foram perfurados, entretanto, é comum, segundo o relato dos próprios entrevistados a necessidade de outras obras, principalmente na área da educação e da saúde. *“Tem poço próprio, problemas de iluminação pública e ruas sem asfalto”*, são outros problemas mencionados pelos moradores. Denota-se a partir das necessidades dos moradores que o espaço, como indica Carlos (1994, p. 45) é definido de forma desigual “a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja de produzir, consumir, habitar ou viver.” Isso porque, em bairros cuja história está relacionada com invasões, as carências estruturais e humanas acabam definindo o espaço.

O bairro de São Raimundo possui uma associação de moradores, onde também existe eleição para compor a diretoria, nesse período, desde sua fundação, o bairro de São Raimundo, teve os seguintes presidentes: Sr. Pelado (apelido); Sr. Belo; Sr. Raimundo; D. Regina e atualmente D. Edna, que ainda não assumiu a presidência de fato devido os conflitos políticos com sua antecessora.

O espaço construído em todo o bairro de São Raimundo, em uma visão crítica é o resultado direto da força de trabalho empreendida por seus moradores, é comum, encontrar o próprio morador construindo sua casa, ou seja, modificando o espaço, com objetivos de atender suas necessidades. Também se observou que embora sendo fruto de um processo de invasão há quase duas décadas o bairro de São Raimundo, de fato, não sensibilizou o poder público para que venha realizar benfeitorias estruturais básicas em toda extensão do referido bairro. É comum, ruas sem urbanização, sem iluminação pública, construções praticamente no meio da rua ou em áreas de risco, por exemplo, na encosta. É necessário, nesse sentido, que o bairro de São Raimundo seja analisado sob outra ótica que valorize a população que hoje ocupa seu espaço.

Segundo Oliveira (2006) o espaço urbano é marcado ou formado por contrastes em sua formação, trata-se de núcleos precários, principalmente em se tratando de Amazônia.

Quase sempre são núcleos que se emancipam com fraca ou nenhuma infraestrutura, tendo como base econômica o repasse de recursos públicos e, embora apresentem a estrutura de cidade, carecem de atividades econômicas caracterizadas como urbanas; o que faz com que a população urbana se dedique a atividades rurais tradicionais como pesca e extrativismo.

O espaço urbano nas cidades amazônicas tem particularidades, se tratam de espaços onde as dificuldades estruturais são comuns, os serviços públicos custa a se tornar realidade, isso decorre, nas palavras do autor, mais acentuadas em núcleos que se constituem por uma população denominada tradicional. Esse perfil adéqua-se a configuração do espaço observado e analisado, o espaço do bairro de São Raimundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os objetivos definidos em relação a esta proposta de pesquisa foram alcançados, compreendeu-se que a produção do espaço geográfico do Bairro de São Raimundo tem todo um contexto histórico que se iniciou com o processo de invasão nos primeiros anos da década passada. Isso se traduz na ineficiência de políticas públicas voltadas para a moradia de baixa renda no município de Tefé. Com isso, as pessoas passam a tomar posse do espaço que não lhes pertence, e quanto mais próximo do centro, maior é o contingente de pessoas que participam deste processo.

Investigaram-se as condições de moradias no bairro de São Raimundo, constatou-se, por exemplo, que as citadas moradias, em sua maioria absoluta foram erguidas pelos próprios moradores, sem obedecer aos critérios de segurança e de uso adequado do espaço geográfico. São casas erguidas até mesmo em áreas de risco, dentre as quais encostas ou praticamente no meio da via de acesso, as ruas. Trata-se de um espaço geográfico em constante transformação, a força de trabalho empreendida busca não só o direito a moradia, o morador persegue a qualidade de vida sua e de sua família, tendo em vista que o fator motivador principal seria de proporcionar aos filhos a oportunidade para estudar.

Os impactos ambientais outrora gerados pela deposição de lixo, anterior a fundação do bairro de São Raimundo, acabou mascarando o problema, ruas, casas, comércios foram erguidos em cima dos resíduos, com isso o espaço geográfico foi se transformando, no entanto, os impactos ambientais ainda existem. Analisou-se também a construção e reconstrução do espaço geográfico sob a ótica do morador do bairro de São Raimundo, considerando a própria história. Trata-se de uma transformação contínua e sistemática, movida pela necessidade do próprio morador.

Quando o morador torna-se o definidor do espaço público é fácil compreender que este não seguirá um planejamento urbanístico, tende a defender seu interesse em particular. É exatamente isso que se identifica no bairro de São Raimundo. A questão da moradia é prioridade para o morador em questão, o espaço, precisa atender seu imediatismo, assim, o espaço geográfico do bairro de São Raimundo está em transformação.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Antônio. **Economia política e dimensão territorial do desenvolvimento**. São Paulo: Contexto, 1996.
- CARLOS, Ana Fani Alexandre. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Roberto Correa Lobato. São Paulo: Princípios, 1995.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MARTINS, Rosicler. **Cidades brasileiras: o passado e o presente** /Rosicler Martins Rodrigues; ilustrações de Roberto Caldas. São Paulo: Moderna, 1992.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. Ruy Moreira. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MOURA, Rosa. **O que são periferias urbanas**. Rosa Moura, Clóvis Ultramar. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- OLIVEIRA, José Aldemir. **A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. Ciência e Cultura Temas e Tendências**. Governo de São Paulo, junho – 2006.
- PESSOA, Lopes Protásio. **História da Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas**. Manaus: Novo Tempo, 2004.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. 4ª ed. Hucitec, São Paulo, 1985.
- SANTOS, Milton. **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da criticada Geografia a uma Geografia crítica**. Milton Santos. 6 ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- SILVA, Almir Liberato; RIBEIRO, Miki Pérsida da Silva; BARBOSA, Walmir de Albuquerque. **Pesquisa e Prática Pedagógica I**. Manaus: UEA-PROFORMAR, 2005.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política.** Revista Brasileira de Geografia, v. 51, n.2, Rio de Janeiro, 1989.

TEFÉ, Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Lei Municipal n. 026/2006, de 09 de outubro de 2006 que Dispõe sobre a Política Territorial e Urbana do Município, Institui o Plano Diretor Participativo da Cidade de Tefé, e dá outras providências, 2006.**

WIEDUSCHAT Antônio César; TAFNER, Íris. **Metodologia do trabalho científico.** ASSELVI, Indaial: Ed. ASSELVI, 2006.